

...Um Mundo Novo, a Sério

**Vós que lá, do vosso império
Prometeis um mundo novo
Calai-vos que pode o povo
Querer um mundo novo, a sério!**
(A. Aleixo)

- ... **Um Mundo Novo, a Sério** (Contributos)

Pedro Ferraz de Abreu

- Breve Nota Introdutória, p. 3
- Prefácio, p. 11
- 1. Da ideologia dominante (com máscara) e do papel da ciência e tecnologia para um mundo novo, p. 15
- 2. Da “neutralidade” da ciência e da tecnologia, p. 61
- 3. Do salto qualitativo do contexto tecnológico e suas implicações, p.77
- 4. Da questão da propriedade, do estado, e apropriação de mais-valia, p. 109
- 5. Por uma nova teoria da mais-valia, abrangendo a inovação tecnológica, p. 119
- 6. Da experiência do capitalismo e socialismo, e a armadilha do “corporativismo de esquerda”, p. 143
- 7. Da teoria da natureza humana, p. 161
- 8. Da teoria do poder, da violência e da decisão, pp. 181
- 9. Da crítica á teoria da excelência, vs. abrangência inteligente, p. 193
- 10. Considerações finais, p. 219

ANEXOS

- Referências
- Sobre o autor

9. Da crítica à teoria da excelência, vs. abrangência inteligente.

Um dos grandes dilemas com que a Esquerda sempre se degladiou, foi com a questão da *igualdade*, e do seu significado profundo.

A Direita gosta de sumarizar a questão assim: a Esquerda defende “*igualdade de direitos*”, enquanto a Direita defende “*igualdade de oportunidades*”. Num paradoxo que muito lhes agrada, a primeira fórmula seria conservadora, defensiva do adquirido, enquanto a segunda seria dinâmica, progressiva.

Mais importante ainda, a segunda fórmula premiaria o **mérito**, ao contrário da primeira, que padeceria do chamado paradigma do “free-rider”, o incentivo ao oportunismo parasitário de preguiçosos, cavalgando na garantia de direitos iguais.

Este é mais um exemplo do perigo de deixar cair a disputa ideológica, de valores, no domínio do dogmatismo normativo, longe da Ciência. Porque qualquer estudo científico com um mínimo de seriedade, desmonta a falácia desta oposição, mostrando evidência de que, para conseguir efectiva igualdade de oportunidades, foi por regra necessário lutar por igualdade de direitos, e vice-versa.

Mas infelizmente, há muitos na esquerda de hoje que parecem “enfiar” este “barrete”, no quadro das tais lutas “identitárias”, ou de um certo corporativismo.

Estamos pois de volta ao confronto acerca da **teoria da natureza humana**.

Na teoria que expus (cap. *da teoria da natureza humana*), fica claro que a desigualdade (e não apenas a diferença) é algo de intrínseco. Somos todos diferentes, mas isso também implica que não somos todos iguais. O problema não está pois aí. A questão é se um sistema social agrava ou mesmo gera artificialmente desigualdades, como mecanismo de opressão e exploração, não como resultante de livres escolhas individuais. Esta é uma questão vital para uma comunidade, pois pode fazer a diferença entre a sua sustentabilidade ou colapso

Filosóficamente, o paradoxo da igualdade foi abordado com a famosa expressão “*para ter igualdade, é preciso tratar de forma diferente o que é diferente*”. Mas como se traduz isso na prática?

Por exemplo, as trocas económicas são necessárias para a sobrevivência, porque não podemos fazer tudo... Desde os tempos pré-históricos. P.ex. se alguém for buscar água pode não ter tempo de caçar, e vice-versa. Morria por não ter comida...ou bebida, e precisa dos dois. Desde o início que nós precisamos de uma certa especialização, e de partilha. Precisamos de gerir a colaboração e a competição, a dialética intrínseca à condição humana, como vimos (ibidem).

Isso implica gerir os recursos disponíveis, sobretudo quando são finitos ou mesmo escassos, como é cada vez mais o caso. E por isso, o papel da qualificação, da educação, está também na raiz da sustentação de uma economia.

É aqui que entra o que chamo de **teoria da excelência**. A minha tese pretende rebater essa teoria como sendo uma das formas perversas de perpetuar desigualdades e desequilíbrios, e que se aplica ao modelo de economia política, mas também ao modelo social, modelo de educação etc.

Em que consiste esta *teoria da excelência*?

Se temos de gerir recursos finitos, escassos, uma análise obriga a decidir, e decidir é cortar: faz-se isto, então não se faz aquilo.

A questão é saber, no que respeita aos recursos, onde damos prioridade. Hoje, predomina a seguinte abordagem: Aqueles que tiveram maior *excelência*, que produziram melhor, esses são a quem nós devemos dar mais recursos. E com essa doutrina, a sociedade no seu todo beneficiaria, porque os “centros de excelência” “puxam para cima” o resto da sociedade, ou seja, os “não-excelentes”. É essa a *teoria da excelência*.

É uma teoria extremamente atractiva, porque o seu oposto parece absurdo. Então vamos premiar os medíocres, os que não fazem bem? E a teoria tem-se implantado. E hoje temos tanto na academia, como no domínio da economia, uma espécie de lógica de consensos muito alargada, tanto à esquerda como à direita, embora com variantes; na qual toda a gente defende (pelo menos aparenta defender) a *meritocracia*, que é uma expressão da teoria da *excelência*. “Vamos dar vantagens a quem tem excelência”, “temos de fazer a avaliação para determinar quem tem excelência”, e “quem tem excelência é beneficiado”.

E isso é a forma como se iria beneficiar a sociedade. Dizemos que ganhamos todos, se os excelentes forem os financiados, e não os que não forem excelentes.

GR - Eu percebo a situação quando se passa na academia de deixar de lado todos os outros que não são excelentes, mas que não são medíocres... E quando se quer construir, fazer, porque é que vais buscar pessoas que não têm qualificações, que vivem à sombra da bananeira? Qual é o critério para chamar pessoas? Meritocracia ou então é o primo ou o afilhado...

PFA: Por isso é que a teoria da excelência se implantou. Porque parece fazer todo o sentido... Mas a lógica tem de ser vista, mais uma vez, do ponto de vista dual - do indivíduo e da sociedade.

A minha tese prevalecente é que o modelo que melhor der benefício tanto ao lado individual como ao lado social do ser humano, tanto à comunidade como aos indivíduos, é o que mais beneficia todos de forma sustentável, e como tal tenderá a prevalecer. Consequentemente, devemos procurar organizar-nos compreendendo as lições do que falhou e do que teve sucesso nos modelos anteriores.

Desse ponto de vista, a teoria da excelência, mesmo não necessariamente expressa desta maneira, tenta responder com o argumento de que uma sociedade, um país, uma organização, no seu conjunto, ganha por avaliar os *excelentes* e concentrar os seus recursos mais nos excelentes do que nos que o não são. Na medida em que os excelentes irão produzir mais, irão trazer mais-valias que irão beneficiar todos.

Enquanto se nós depositássemos recursos por igual ou os déssemos aos que são menos excelentes, seria pior resultado. Essa é, substantivamente, a força da teoria da excelência.

Há muitas coisas em que é muito fácil atacar esta teoria: ***Quem é que decide quem é excelente? Qual é o processo? Qual é o critério?***

Porque de facto abundam exemplos de mediocres que se auto-proclamam excelentes... porque têm o ***poder*** para o fazer.

Multiplicam-se exemplos de abusos de favorecimento a comparsas, partidos, famílias e clientelas, em nome da excelência e da meritocracia, por juris muito “independentes”, quando o verdadeiro critério é o compadrio. Tal como exemplos

de premiados em nome da *excelência*, por instituições supostamente guardiãs da excelência, que pouco depois se constata terem fracassado pela mais flagrante incompetência.

Sem duvida que a *teoria da excelência* tem o seu flanco enfraquecido também pela adopção banalizada desse discurso por todos... mesmo os mais mediocres.

Eis porque é possível, e por vezes fácil, deitar abaixo o sistema em vigor num ou noutro destes “calcanhares de aquiles” da *teoria da excelência*. E é isso que dizem os críticos, que abundam sempre – a começar pelos que foram preteridos e rejeitados. É o que os sindicatos fazem, contra as avaliações, etc., por vezes legitimamente e com razão, mas por vezes corporativamente e sem ela.

Mas isso pouco interessa, porque isso apenas nos deixa ... sem nada. É mais uma vez a perversão da lógica corporativa, ou a lógica de “partido de protesto”, pois dessa forma, o risco real é substituir uma coisa *má* – a *teoria da excelência* com todas as suas incongruências, por uma coisa *péssima* – premiar a mediocridade, só por ela ter mais força corporativa.

Ora em vez dessa postura, recorro á boa ciência.

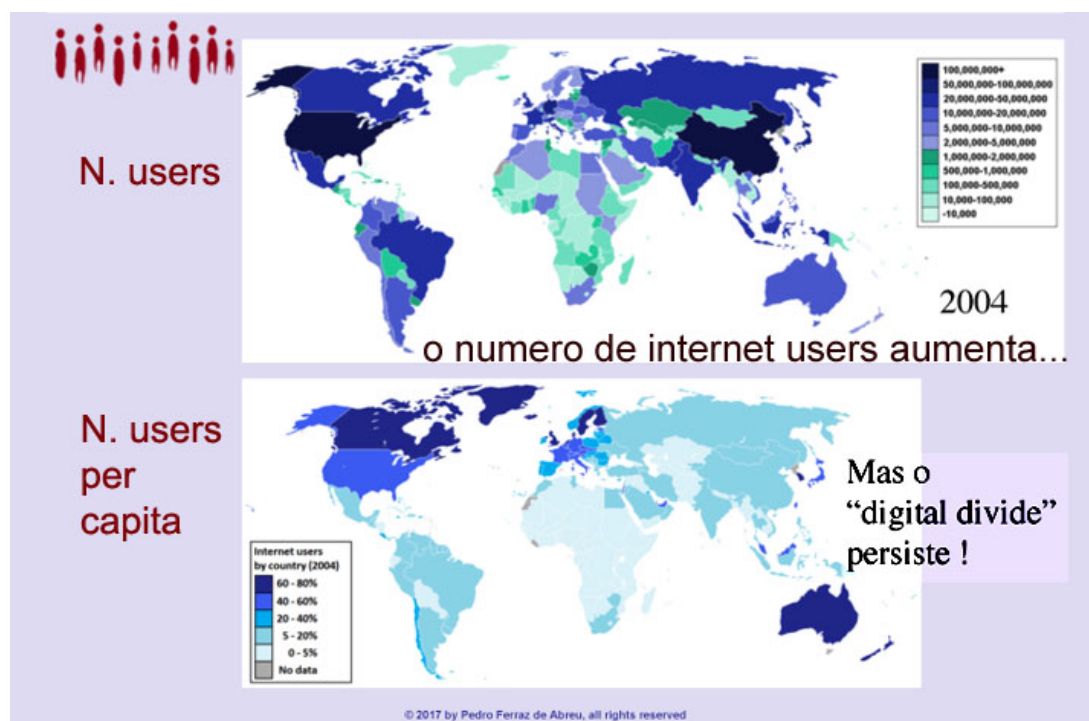
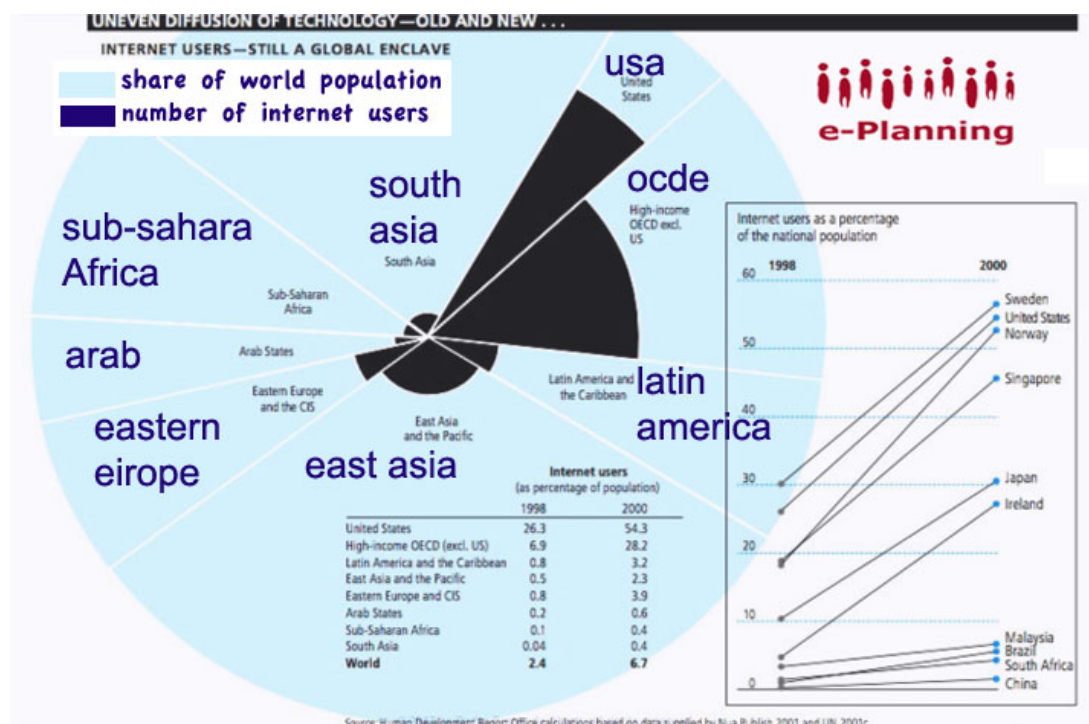
A teoria da excelência, confrontada com a geopolítica do desenvolvimento.

Um das primeiras linhas de investigação que desenvolvi, ainda no MIT, foi estudar “benchmarking”, no que respeita a países e regiões, comparando níveis de acesso a tecnologias com impacto na sociedade, demonstrado ou razoavelmente previsível, nomeadamente na educação e na economia, como é o caso da Internet.

Ou seja, em que medida o acesso a novas infraestruturas de informação e comunicação, resultando do ultimo salto tecnológico, como seja a internet, se restringiam no essencial a um elite, ou tendiam para a massificação, para o acesso generalizado.

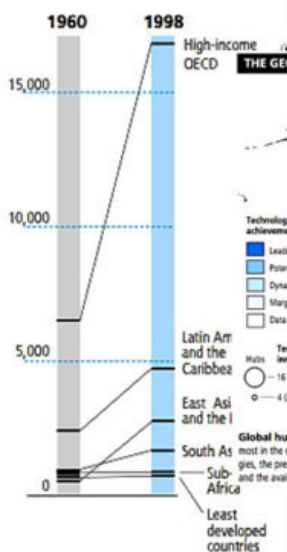
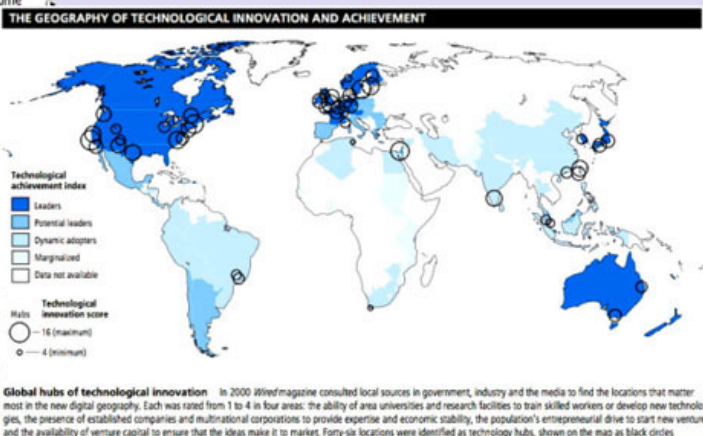
E o que eu verifiquei, foi isto⁷¹:

⁷¹ (incluindo dados mais recentes, disponiveis em várias das referências)



Widening income gap between regions

GDP per capita (1985 PPP US\$)

Source: Human Development Report Office
calculations based on World Bank 2001g.**B) As TIC afectam a geopolítica do desenvolvimento****technological achievement index**

e-Planning

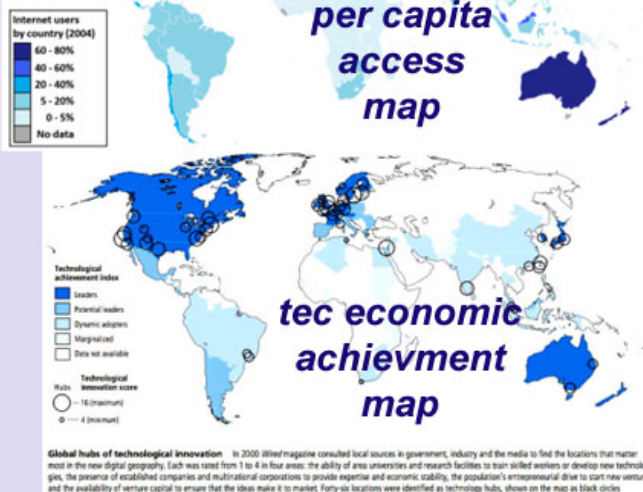
© 2017 by Pedro Ferraz de Abreu, all rights reserved

**B) As TIC afectam a geopolítica do desenvolvimento****Teoria da Excelência posta em causa?**

São os países com maior percentagem de acesso do conjunto da população às novas TIC, que têm a estrutura económica mais sólida, ancorada na inovação tecnológica e com maior geração de riqueza;

- Não os que apostam sobretudo e apenas nos "centros de excelência"

...



© 2017 by Pedro Ferraz de Abreu, all rights reserved

Ou seja, cheguei à seguinte observação: os países que apostaram na *massificação* do acesso à tecnologia – nomeadamente internet, em vez de se focarem apenas nos “excelentes”, correspondem aos que mais vantagem foram adquirindo, tanto em PIB, como em estrutura económica.

Ao contrário do que nós fizemos em Portugal.

Quando já vivia nos USA, participei num congresso de comunicações em Portugal, onde pontificavam uns “barões” do PS e PSD, junto com algum pessoal que eu conhecia da PT - e também pessoas ligados à academia.

Todos eles, nomeadamente o PV, diziam: O quê, acesso a Internet é só para grupos restritos; nas universidades, os professores e não para todos. Os putos (alunos) vão para lá brincar... Na administração, os funcionários vão mas é brincar, não pode ser.

Eu respondi: Acho que vocês estão num caminho completamente errado. No MIT, o exemplo que eu vi, foi o inverso. Massificaram o acesso, inclusivamente oferecendo ligações *gratuitas* até nos dormitórios, sabendo, como é evidente, que a esmagadora maioria do tempo que os alunos iam usar a Internet não era para estudar. Era para brincar, para namorar, para jogar, no entanto apostaram nisso. E que aconteceu a seguir?

Passado pouco tempo, os professores puderam deixar de fazer fotocópias, que era um custo brutal, porque toda a gente tinha literacia digital. Rapidamente adquirida, através da massificação do acesso e da liberdade de tipo de uso. Vocês (em Portugal), o que é que vos acontece? Vão aos serviços da Administração Pública e quando querem modernizar, têm de andar a fazer cursos de formação, para ensinar os “marretas” que mal sabem mexer naquilo.

Mas ninguém levou a sério a minha intervenção, apesar de ter sido recebido amigavelmente por vários conhecidos, antigos colegas que ocupavam cargos-chave na pt e telepac. Porque tanto políticos, como tecnocratas, estavam no fundo já compradores dos primeiros passos da *teoria da excelência*, numa altura em que a internet parecia um recurso limitado, e como tal um *premium* para uma elite.

Talvez o efeito mais imediatamente visível da abordagem do MIT, fosse a rápida emergência de uma geração de jovens entusiastas da tecnologia, que abraçaram

percursos de engenharia e investigação avançada, capazes de tirar o máximo proveito da rápida revolução tecnológica.

Mas o factor subjacente, era a ubiquidade da tecnologia e o acesso generalizado permitir um efeito de “osmose” entre os especialistas das novas TIC e o resto da comunidade. Nem todos sabiam como, nem estavam interessados em desenvolver tecnologia, mas muitos mantinham-se atentos e prontos a adoptar a inovação e aproveitá-la em seu benefício. Eis o que amplificou exponencialmente o impacto.

Aprendi isso numa aula do Seymour Papert (homem genial, colaborador do Piaget), que me permite perceber de onde nasce a ideia do projecto “*One laptop per child*”.

Disse-nos Papert, que na geração dele (que é a de alguns de nós), se só tivessem permitido agarrar num lápis e num papel quando fosse para fazerem exercícios de gramática etc., grande parte da população tinha ficado analfabeta. Ao contrário, as pessoas, não por gesto deliberado (ninguém imaginou essa ligação), puderam na prática apropriar-se dos meios, papel e lápis, e usar isso para escrever notas, cartas aos namorados, desenhos. O que acelerou a literacia, e a capacidade de dominar a tecnologia (os variados instrumentos e superfícies de escrita) e usá-la.

Por isso, Papert dizia ser fundamental as crianças de hoje poderem apropriar-se do computador, das novas tecnologias, ter acesso universal, e não delimitar o seu uso.

Os slides acima mostram pois a importância-chave da *massificação do acesso* – e da *correspondente literacia tecnológica*. O que acontece? Os países que têm essa estrutura (ver o número absoluto, e o número relativo per capita), são países cuja estrutura económica está hoje organizada com maior capacidade de aproveitar a inovação e, por sua vez, corresponde ao tal *gap*. A coincidência é quase exacta.

É claro que se pode questionar: isso pode ser uma consequência e não uma causa. Mas nós temos esses dados por ordem cronológica. O que começou foi a massificação. O dilema *do ovo e da galinha*, não se coloca. É verdade que há um *tandem*, um puxa o outro, mas isso só vem favorecer o argumento.

Será interessante verificar se países que já tinham PIB elevado, mas não investiram inicialmente na massificação do acesso, não foram comparativamente penalizados por isso.

A teoria da excelência confrontada no caso da 2ª guerra mundial.

E assim comecei a reflectir sobre a explicação do porquê da teoria da excelência ser, na pratica, um fracasso. E ocorreu-me se o mesmo não se teria passado na dinamica da relação de forças na 2ª guerra mundial.

Desde cedo que me interessei em conhecer em profundidade tudo o que se passou respeitante `a 2ª guerra mundial, pelo enorme impacto até à nossa geração. Não me posso considerar um perito, mas digamos que um amador bem informado.

Apesar da total superioridade inicial da Alemanha, do ponto de vista de capacidade tecnológica, de inovação, etc. e que esteve mesmo à beira de lhe dar a vitória (mesmo com alguns erros estratégicos do Hitler), a Alemanha foi derrotada.

A esquerda aponta para a derrota de Hitler na União Soviética (Stalinegrad) como o ponto de viragem da guerra, a caminho da derrota Nazi, e sem dúvida que foi marcante, mas não podemos olhar apenas para eventos. Porque esses eventos resultam da operacionalização de estratégias adoptadas e factores diversos.

Um dos factores que indiscutivelmente foi decisivo, foi quando os USA se viram obrigados a entrar na guerra. Acontece que esse factor é particularmente interessante para testar a teoria da excelência, neste contexto.

No teatro de guerra na Rússia, os americanos também alimentaram Staline com logistica militar. Staline previu o ataque nazi e deslocou fábricas para o Leste, e não foi pequena parte do que garantiu vitória da URSS face à Alemanha. Mas os americanos não foram parvos e perceberam que lhes saía mais barato, em recursos e em vidas, ajudar a equipar o exercito soviético do que enviar o seu exército: afinal, assim eram russos que morriam. Deram-lhes pois equipamento, munições.

Há um documentário interessante, de propaganda de guerra americana da altura, a mostrar uma aliança com a URSS, em termos que hoje seriam impensáveis. Achei delicioso esse anúncio, que mostrava mulheres numa fábrica e dizia assim:

“Os corajosos soldados soviéticos que estão ali na frente de batalha a combater o inimigo nazi.”... e nós estamos a apoia-los” ... e apareciam as munições a cair dentro de caixas e as mulheres operárias americanas a fabricar peças.

Incidentalmente, este documentário também dá conta de um outro fenómeno que actuais líderes feministas, talvez por serem frequentemente de classe media-alta, não sabem ou não ligam importância: que um grande salto em frente na emancipação da mulher nos USA, foi quando os homens estavam na *frente* (a guerra) e as mulheres passaram à fábrica, para suprir a falta de mão-de-obra, num período crítico que exigia o máximo da capacidade industrial.

Num crescendo, começou a perceber-se que afinal não era preciso ser-se homem para trabalhar com uma máquina e ser-se capaz de produzir em quantidade e qualidade. E que afinal o lugar “natural” da mulher não estava confinado à *casa, cozinha e bebés*. Esse foi um grande salto na valorização da mulher na sociedade.

E passaram a garantir o sustentáculo do esforço de guerra dos USA. Foi a classe operária, com enorme entrada das mulheres nessa classe; não foi a elite burguesa, não foram apenas as elites da *excelência*.

Mas quando os USA entraram na guerra, estavam muito aquém da capacidade tecnológica da Alemanha, e estavam literalmente muito longe. Enviar aviões e navios para chegar até à Europa, não era pera doce. Os Alemães, que não eram tolos, criaram uma frota de submarinos que afundavam quase todo o tráfego marítimo, o único que podia assegurar tonelagem significativa. Estiveram à beira de asfixiar a Inglaterra, que é uma ilha e só podia ser mantida e fornecida por mar.

Ora se a Inglaterra tivesse caído, a vitória da URSS poderia não ter sido suficiente para assegurar a derrota Nazi.

O que é que aconteceu? Um dos elementos-chave, ou pelo menos significativo, foi a estratégia dos *liberty ships*, navios de desenho simples e barato, e que assim permitia construção maciça, em quantidade. Mas isso tem por detrás outro factor.

Os factores de maior peso para ganhar a guerra não foram, nos USA, postos apenas nas mãos de uma elite, seja no MIT ou outros “centros de excelência”... a desenhar armas de alta tecnologia... Essa era a abordagem que predominou na Alemanha, com os V2, o Von Braun, etc., enquanto que muito do trabalho “em grosso”, era entregue ao trabalho escravo – prisioneiros e desterrados alemães.

O que aconteceu nos USA foi uma política que deu total prioridade ao apoio, estímulo e desenvolvimento da massificação da industrialização. Mobilizou toda a população, procurou **qualificar** toda a gente, **incluindo** as mulheres e nomeadamente nas fábricas. Neste caso, isso significou que, em vez de se focarem em produzir porta-aviões topo-da-gama, etc, que seriam sempre em número limitado, fizeram sobretudo navios toscos mas baratos e em numeros maciços. Resultado, a guerra da tonelagem foi ganha.

Os alemães afundaram não sei quantos *liberty ships*, mas era um desenho **deliberadamente** tão fácil de fazer que era feito não apenas nos estaleiros de topo, de elite, mas em qualquer estaleiro, qualquer metalurgia básica fazia peças para aquilo e assim conseguiam produzir rapidamente centenas daqueles navios e constantemente a mandar para Inglaterra. Muitos eram afundados, mas outros foram passando.

No historial que é feito, hoje, fala-se da forma gloriosa dos *liberty ships*...mas o que leio daquilo, é que foi *uma infraestrutura alargada do país* que foi decisiva.

Alguns gostam de apontar o lançamento da bomba atómica em Hiroxima e Nagasaki, como prova de ser a superioridade tecnológica gerada por centros de excelência, que decidiu a guerra. Mas esse argumento não cola. Na realidade, a história comprova que por essa altura, não só a Alemanha já tinha sido derrotada, como era inevitável a derrota do Japão.

Tanto historiadores americanos como japoneses, coincidem na leitura dos factos históricos: o factor decisivo para a rendição japonesa foi a iniciativa soviética de declarar guerra ao Japão e iniciar uma invasão⁷². Mesmo os que tentaram "pintar" a bomba A como a chave da vitória, indicam como justificação para o seu lançamento, evitar ter de invadir do Japão, com enorme perda de vidas americanas, e não para derrotar o Japão⁷³.

⁷² "The Soviet declaration of war was decisive; Hiroshima was not." (Wilson, W. 2013)

⁷³ "In the United States, generations were taught that Japan would never have surrendered so quickly without use of the atomic bomb and that victory would have required a bloody invasion of the Japanese mainland, costing hundreds of thousands of lives. Japanese students were generally taught a very different narrative: that Japan already had been defeated and dropping the bombs on Hiroshima and Nagasaki three days apart was a geopolitical calculation to keep the Soviet Union at bay." (Slavin, E. 2015)

Mas mesmo que assim não fosse, não se pode considerar o desenvolvimento da bomba atômica, como um projecto estrito de "centros de excelência". O *Manhattan-Project* envolveu para cima de 130 000 pessoas, em mais de 30 locais, e 90% do custo (colossal), foi para construir uma infraestrutura fabril⁷⁴ Ou seja, mais uma vez, só foi materializável pela massificação do processo, muito para além de laboratórios de "excelência".

Para não falar do "pequeno" pormenor, que muitos dessa elite de cientistas vieram dos "centros de excelência" ... da Alemanha. Incluindo Einstein. O que chama a atenção de como o investimento centrado numa elite, não garante por si quem será o ultimo beneficiário desse investimento.

Claro que a investigação de ponta, e a excelência da mesma, teve um papel muito importante. Basta pensar no radar, no UK. Mas não foi uma política focada numa elite, não foram os "centros de excelência" que puxaram pelo resto. Foi a aposta na **massificação** e na **formação generalizada** da população, foi o puxar e mobilizar o país **inteiro**, e ter sucesso nisso, que conseguiu conduzir a um processo de vitória.

A teoria da excelência confrontada no caso das comunicações.

Quando comecei a investigar esta teoria de excelência, resolvi rever as equações de Shannon e a teoria da comunicação, as equações de sinal-ruído (Shannon, e outros). Não seria possível provar matematicamente que a teoria da excelência não pode ter sucesso neste domínio? No essencial, assim é.

Quando há dois pontos em comunicação, um de alta tecnologia e um de baixa tecnologia, não é o meio termo que acontece.

O polo de alta tecnologia não "puxa" o de baixa tecnologia, em vez disso a comunicação entre ambos, incluindo portanto no polo de alta tecnologia, fica

⁷⁴ "The Manhattan Project began modestly in 1939, but grew to employ more than 130,000 people and cost nearly US\$2 billion (equivalent to about \$23 billion in 2018).[1] Over 90 percent of the cost was for building factories and to produce fissile material, with less than 10 percent for development and production of the weapons. Research and production took place at more than thirty sites"
(https://en.wikipedia.org/wiki/Manhattan_Project)

reduzida ao menor denominador comum, que é o que a baixa tecnologia do outro polo viabiliza. Isto porque a comunicação depende efectivamente da informação capaz de ser captada pelo receptor, não apenas da informação capaz de ser transmitida pelo emissor.

Esta dedução matemática pode ser bem ilustrada com um exemplo da vida real.

Quando o CITIDEP fez uma conferência de imprensa de um dos projectos que tínhamos, eu estava sentado no MIT, num dos polos de mais alta tecnologia do mundo na altura, em internet, videoconferência, etc. Em Portugal, na “Casa do Cidadão”, havia um telefone com um contínuo na entrada em cima, mas a sala era em baixo, numa cave. Quando eu telefonava para acertar o processo de comunicação, o contínuo tinha de descer à cave para chamar o responsável (APF).

O responsável em Lisboa informou que a internet ali não funcionava, mas ele tinha adquirido um sistema portátil e fazia a ligação assim. Só que a seguir, era o cabo não ligava com o projectador, etc. O resultado: a única maneira de eu intervir, foi esquecer a internet e videoconferência e usar o bom velho telefone para uma ligação apenas com voz.

Mas como o telefone “fixo” (landline) da “Casa do Cidadão” era no andar de cima e não no auditório, mesmo para se ouvir a minha voz, foi necessário usar o microfone do amplificador encostado a um telefone portátil do responsável do CITIDEP (APF). Resultado, quando encostavam muito ao microfone era um ruído impossível, quando se afastava do microfone, ninguém me ouvia.

Conclusão. Eu estava sentado num dos melhores polos tecnológicos da altura. E na comunicação, o polo excelente “puxou” a qualidade da comunicação um bocadinho que fosse para cima? Não, foi reduzida à baixa qualidade do polo mais fraco.

GR - Mas o MIT aposta na utilização generalizada da inovação tecnológica, mas selecciona os melhores...

PFA: Claro. A questão é esta. A teoria da excelência (TE) tal como está é um fracasso. Mas não podemos substituir a TE pelo seu inverso. Dizer, então vamos financiar/seleccionar os medíocres ou os menos excelentes. A lição a retirar é que este caminho falhou e agora precisamos de outro.

Eu não tenho a resposta toda no bolso. Tenho alguns indícios. Temos indícios em varias áreas...como nos exemplos que citei. É preciso agora ver o que acontece na indústria automóvel, na produção agrícola, nas escolas, etc-

Em cada sector, nós vamos ter de fazer a revisão da teoria da excelência e substitui-la, talvez por uma teoria da *massificação inteligente* (ou *abrangência inteligente*).

Essa é que é a lição da guerra. Infelizmente, parece que precisamos de guerras para as lições mais fortes. A guerra é sempre um momento em que as tecnologias, as teorias, são testadas ao máximo e em profundidade.

Lembram-se do filme “O espírito de 45”, onde se mostra um mundo destruído, desmantelado, do pos-guerra na Inglaterra, visivelmente com uma situação muito pior do que a de hoje, inclusive em termos financeiros, e no entanto foi nessa altura que se construiu o serviço nacional de saúde, habitação social em larga escala, alargada e racionalizada a rede ferroviária, etc.

Essa evidência histórica mostra como, mesmo num estado depauperado, enfraquecido e exausto, é possível reconstruir e resolver a contento os grandes problemas que enfrentamos. Haja vontade e determinação... e políticas adequadas.

O que tem que ser, tem muita força. Hoje, dizem-nos: Não é possível; não há recursos para tudo. Aparecem logo os lamurientos (bem instalados, claro), a dizer: “Isso é alquimia, querer fazer tudo ao mesmo tempo....”.

Parece bom senso, mas afinal é objectivamente uma forma de perpetuar o *status quo* que engorda uns e explora todos os outros.

A evidência empírica, como é esse período do pos-guerra, parece contra-natura, enquanto a teoria da excelência é apelativa e parece bom senso. Quem pode ser contra, nós apenas financiarmos os melhores em detrimento dos piores, se os recursos são escassos?

Mas não podemos fechar os olhos à evidência. O facto é que a teoria da excelência tem perpetuado e agravado a desigualdade e a pobreza, enquanto a firmeza

política em dar prioridade a massificar o acesso e a qualificação, em erguer o conjunto da população, deu provas e obteve resultados.

Mas esta *massificação* também co-existiu com algumas políticas selectivas de procurar premiar a excelência. Por isso, devemos falar em *massificação inteligente*.

A teoria da excelência na Academia

No meio académico, por exemplo, este efeito perverso (da "teoria da excelência") é cada vez mais acentuado, com a mercantilização das revistas científicas e a entrega da sua indexação a negócios privados.

Em nome da *teoria da excelência*, e num contexto de desinvestimento também na capacidade de *avaliação académica*, o **número** de publicações de artigos científicos tornou-se cada vez mais um dos principais critérios de avaliação para obtenção de financiamentos ou bolsas (e entrada ou progressão na carreira). A "excelência" não é pois medida pela leitura e prova de conhecimento adquirido, nem pela capacidade de ensinar, ou de resposta a necessidades sociais, mas sim pela quantidade de publicações, muito mais simples de quantificar.

Naturalmente que a Academia não assume ter prescindido da qualidade. Mas na prática faz "outsource" dessa avaliação. O facto é que o "filtro" de qualidade foi em grande medida passado a empresas privadas (e.g. Thomson Reuters, filial de uma multinacional farmacêutica (!) com a "web of science", o grupo "Scopus", etc.).

Efectivamente, o "*peer review*", mote da academia, transformou-se em grande medida no "*review by the business*".

Ora, com o estrangulamento do financiamento das universidades públicas, a subscrição de revistas científicas decresceu drasticamente, pondo em causa os lucros desse negócio. A "economia de mercado" conduziu então a uma simples constatação: a "procura" já não estava nos *leitores*, mas sim nos *autores*, que precisavam desesperadamente de publicar (não eram penalizados por não *ler*, mas sim por não *escrever*...). E num volte-face ao arrepio de qualquer racionalidade, muito "double-speak", os "génios" do marketing inventaram o "*open access*".

Hoje, com o tal modelo “*open access*” (ver capítulo sobre a mais-valia), são os autores de artigos científicos que têm de pagar para publicar, a preços cada vez mais agressivos (chegando a mais de mil dólares). Logo, os ricos são cada vez mais favorecidos, pois conseguem maior número de publicações que os de meios mais modestos, obtendo assim melhor avaliação de “excelência”, e consequentemente, tendem a conseguir mais financiamento. E assim sucessivamente, num ciclo perverso de agravamento de oportunidades desiguais.

Por sua vez, os que vêm o acesso a financiamentos dificultado, cada vez têm menos capacidade de construir curriculum de publicações, não só pelo seu custo, mas porque sem investigação financiada, a qualidade do que escrevam tenderá sempre a ser menor em comparação com quem pode obter resultados de investigação.

Na realidade, eu próprio testemunhei uma perversa manipulação desta variante de “lógica circular”. Centros liderados por gente conectada politicamente, ou com ligações empresariais, tinham maior facilidade de obter apoios, o que gerava naturalmente superioridade nos indicadores de “qualidade”, tornando assim mais fácil capturar novos financiamentos em nome da “excelência”, etc.

Ora no auge desta política, iniciada no consulado de Mariano Gago (sobretudo o segundo mandato) mas tornada mais dramática com o Governo PAF, porque acentuada por um emagrecimento ainda mais drástico do financiamento alocado ao ensino e investigação, que resultados se observaram? Uma melhoria e progresso na sociedade no seu todo? Mais emprego, melhor desempenho da economia, menor pobreza, melhor qualidade de vida dos cidadãos?

Não, exactamente o contrário.

Talvez um dos indicadores mais reveladores do fracasso estrondosos desta política (a não ser no que respeita à pequena minoria dos “escolhidos” do regime), foi o **aumento maciço da emigração de jovens qualificados**. Ou seja, o maior absurdo sistémico: os impostos dos Portugueses gastos na formação, em vez de reverterem em benefício de Portugal e dos seus cidadãos, foram aproveitados por países mais ricos, naturalmente o destino preferencial destes jovens.

E contudo, nas escolas, e não apenas nas universidades, a TE é tremendamente apelativa, da esquerda à direita. O Mariano Gago foi um grande campeão da TE. E

no entanto a academia tem-se afundado cada vez mais no facilitismo das avaliações e admissões de estudantes, no corporativismo redutor dos docentes, para não falar em funcionários que parecem considerar uma chatice terem de lidar com docentes e alunos.

Um velho camarada meu, quando trabalhei como operário na *Soda Povoá*, bem me ensinou: “*Não é a fábrica que tem um escritório, é o escritório que tem uma fábrica*”... para os financiar. Por vezes, parece que não é a Universidade que tem serviços administrativos, mas sim estes que “têm” uma Universidade, cujo principal papel é assegurar os seus empregos e carreiras, e não propriamente a ciência ao serviço da sociedade.

O que temos pela frente é a necessidade imperativa de mudar. E depois, se há algo que não nos deve travar, é o discurso “Isso não vai ser possível”, porque sabemos que, quando a sociedade constata que tem mesmo de ser, arranja forma de fazer acontecer. Temos de ver, dentro dos recursos que há, como organizá-los de forma diferente, com prioridades diferentes.

A teoria da excelência na Educação e o alastrar do obscurantismo

VC: Sobre isto há uma nota que eu gostaria de deixar aqui e que evidencia, parece-me, a força da TE na educação. Em algumas escolas do sistema público de ensino pratica-se, com a conivência dos professores (que estão interessados em ter lá os seus filhos) a constituição de “turmas de elite”, só de “bons” alunos, contrariando a orientação ministerial que era costume, de “turmas mistas” (de “bons e maus” alunos).

A simples existência destes casos, não sei a que ponto estão generalizados, merece reflexão. Talvez explique, em parte, o eco forte à volta do famoso “sistema dual alemão”, que os PAF quiseram implementar cá pela mão do Nuno Crato. E que é um sistema altamente selectivo, que consagra duas vias distintas quase estanques. Há grandes semelhanças com o nosso bem conhecido sistema salazarento dos liceus – para os “meninos de família”, futuros quadros superiores da burguesia – e as escolas técnicas – para os restantes que tivessem a ambição de estudar para além da escolaridade obrigatória... que até ao fim de 1966 foi de 4 anos!

PFA: Há uma coisa que é usada demagogicamente na política, que é “*No one left behind*”. Não podemos tolerar que continuem a usar essa máxima em vão.

Eu tinha uma amiga que morava perto e ia passear o cão à noite, e como sempre gostei de dar um passeio à noite, conversávamos tranquilamente. Numa dessas conversas desabafou comigo sobre o seu trabalho, e fiquei chocado. Ela estava numa escola do Barreiro, e dizia: *tirem-me dali. Não imaginas o horror que é. Isto é o mundo abandonado. Os pais ou são bêbados, drogados ou ladrões, ou “all the above”, e as crianças também se não batem em nós é uma sorte. Ninguém está ali a pensar que vamos educar aquelas crianças. As crianças estão ali como num depósito. Nós estamos ali só a aguentar as trincheiras.* Um horror.

E ela era uma pessoa humanista, de esquerda. Aquilo impressionou-me. Fiquei com a sensação, tu (GR) dirás, porque tiveste funções nesse campo, de que temos um risco tremendo neste esquema da *teoria da excelência*, de desinvestir nessas escolas, de haver um sector da população que, na prática, vamos dar como guerra perdida, como terreno perdido.

Não sei até que ponto é que isso é generalizado ou não, tu saberás melhor que eu. Eu tive apenas uma evidência *anedoctal*. Mas desconfio que se formos olhar para a realidade de outros países, nomeadamente a África, a Ásia, a América Latina, no Brasil, encontramos mais evidência deste problema.

O desinvestimento nessas escolas, dos sectores “problemáticos” da população, tem consequências directas no alastrar do obscurantismo. No Brasil, por exemplo, com os “evangélicos”, aquela coisa é tenebrosa.

O grau de obscurantismo no século XXI, não é por vezes perceptível, numa sociedade de aparência evoluída – que têm coisas moderna, smartphones etc,

Quando estive no Brasil, o H. quis pôr gasolina no carro e queria pagar com o “smartphone”. Na pratica levou tanto tempo, teria sido mais rápido dar o dinheiro. Mas há uma convivência, uma coexistência generalizada à vista de todos, de coisas modernas, alta tecnologia, e do aparente acesso a essas coisas, que suscita o “apetite” mesmo dos mais pobres para usufruir delas.

Depois já não é apenas a pobreza extrema, as favelas, etc, é o obscurantismo mesmo nas classes que têm algum dinheiro. É assustador. O obscurantismo

religioso é assustador, vem a par não só da falta de cultura, mas mesmo da promoção de hostilidade para com a ciência.

Nós temos a cultura posta em causa. Relativamente às escolas, mesmo as supostamente de elite, saem alunos que mal sabem escrever como deve ser.

Este efeito propaga-se a todos os níveis, com implicações cada vez mais sérias. Vi um doutorando que, num gráfico para representar a relação entre 3 variáveis (temperatura, febre, doença), punha a temperatura na parte positiva do eixo, e depois outra variável, a doença/saúde, na parte negativa desse mesmo eixo, e uma terceira, a febre, num eixo vertical. Era como se os valores de temperatura negativa também representassem a doença, nos valores positivos já não havia doença, a fronteira doença/saúde então seria a temperatura zero... Uma representação completamente absurda.

Isto era um indivíduo com mestrado numa escola pública portuguesa.

Quando nós nos preocupamos como estão as sociedades na Líbia, no Egipto, na Tunísia, na Somália, temos a tendência de pensar que estamos num mundo à parte, em que estas questões não são candentes. Mas nós não somos imunes ao contágio do obscurantismo, e quanto mais se agravam as desigualdades, mais vulneráveis todos ficamos, e mais perversos são os efeitos de doutrinas que apostem em elites.

VC: Por razões familiares que conhecem, recentemente tenho vindo a estudar o tema do desenvolvimento de competências do cidadão com deficiência, com vistas a promover a sua autonomia e satisfazer as suas necessidades.

Ora, creio que aquilo a que chamas “massificação inteligente” casa bem com o conceito, inspirado na Agenda 2030 da ONU, que é explanado em legislação portuguesa recente⁷⁵ onde, no fundamental, se pretende que a Escola desenvolva ao máximo, até aos limites de cada um, as potencialidades que cada pessoa com deficiência detém.

Mas porque não alargar a aplicação do conceito a toda a população escolar, nomeadamente àqueles que podendo não ter deficiência cognitiva, têm-na, como nos casos citados, ao nível de competências sociais? E quanto a custos... não sei,

⁷⁵ Decreto-Lei nº 54/ 2018, de 6 de Julho

mas tinha-se de fazer contas ao que se gasta na reparação de danos, na implementação de programas de reintegração, etc, etc.

GR: Não é o único factor de heterogeneidade. Há questões sociais que não estão a ser abordadas de uma maneira eficaz. Eu apoiei uma escola da Casa Pia, com o problema que aconteceu há uns anos, e as professoras do 1º ciclo são umas heroínas, muito solidárias. Um dos alunos é o 3º filho de uma prostituta, o pai é bêbado etc. E chegam lá e nem falar em concentrar. É murros na cadeira, para não falar entre eles. E todos os dias elas se apresentam e tentam fazer alguma coisa. Não é a sociedade no geral que abandona, mas há problemas que não estão abordados...

PFA: E portanto significa que além da construção da teoria da natureza humana, da teoria da propriedade, da teoria do Estado, agora temos de construir algo novo em substituição do fracasso da teoria da excelência.

Não podemos deitar fora o mérito, a avaliação, a diferenciação entre o medíocre, o bom e o excelente. Tal seria absurdo e desastroso. A questão é como enquadrar essas ferramentas e conceitos de outra forma.

Por isso é que tu (GR) tens, muito mais do que eu, como mostraste agora, competências para veres como é que uma pessoa pode dar a volta à TE nas escolas.

No fundo, argumentaste isso mesmo. Nós não conseguimos resolver o problema mandando professores de elite para os locais de combate. Precisamos atacar em simultâneo os vários factores, o que significa neste caso a questão da pobreza e a questão das desigualdades e dos desequilíbrios. Parece que vai ser inevitável, por muito estranho ou difícil que possa parecer.

Possivelmente a única forma de substituir a teoria da excelência, é um “ataque” aos problemas a vários níveis, em simultâneo. Não há provavelmente outra forma.

E eu escudo-me na realidade da guerra. Parecia impossível, mas fez-se. E o pós-guerra. Tinham a economia de rastos, as fábricas de rastos, e no entanto montaram serviço nacional de saúde, a habitação social, as infraestruturas... Fizeram tudo.

O segredo da questão está claramente na abordagem que se faz e na vontade política que há; em vez de se ficar paralisado, ou justificar a fuga às responsabilidades do Estado, com a amplitude e a complexidade do problema. Tem que haver uma convicção da sociedade ganhar com isso.

GR: E a guerra favorece isso...

PFA: Esse é outro dilema. Eu lembro-me de perguntar se a Humanidade estaria condenada a este dilema: quando temos uma sociedade injusta, há luta, temos heroísmo, pessoas fantásticas, generosidade, arte espetacular, música extraordinária, etc. Quando passamos a uma fase em que temos comida, barriga cheia, temos mediocridade, egoísmo, arte chocha e podre, “plastificada”, etc.

Se nós estamos condenados a esta dialética... não haverá uma 3ª via, de nós furarmos este dilema?

Eu penso que é a aproximação assintótica ao dilema. O que enfrentamos é uma espiral, não é um pêndulo. A dialética não é pendular, é em espiral. As coisas não ficam na mesma. Há movimentos pendulares, mas cada um destes movimentos pode “espiralar” – se me perdoam o abuso da gramática. Ou “espirala” para baixo ou “espirala” para cima.

No limite, podemos “espiralar” para a extinção. O progresso não é um dado adquirido. Não é determinístico. Não é garantido que a espécie humana vai subsistir, que vai ter uma evolução positiva. Temos de fazer por isso.

A teoria da excelência e o custo da desigualdade.

Outra forma de abordar esta questão, é através de um conceito emprestado da teoria económica: o conceito de *custos de oportunidade* (*opportunity costs*).

Em termos simples, em *e-planning* costumamos explicar este conceito mostrando como, numa decisão típica em planeamento, por exemplo de ordenamento do território ou alocação de recursos, é por vezes tão importante o que se vai fazer, como aquilo que não vamos fazer, ou deixamos de fazer, para levar a cabo a opção que tomámos. E acontece que, atribuir um valor ao custo de não se fazer X, ou não fazer Y, é vital para construir um bom critério de decisão.

Ora a teoria da excelência pode e deve ser confrontada com este método. Em vez de se basear apenas no raciocínio dos benefícios resultantes de premiar os “excelentes”, deveria ser posta a questão: quais vão ser os custos de abandonar (ou sub-financiar) os “não excelentes”, em cada caso?

Para responder a esta questão, precisamos dos mesmos dois passos: primeiro, constatar evidência da aplicação da teoria da excelência e, segundo, verificar se os resultados dessa aplicação se traduziram em ganhos, ou perdas, para a sociedade.

Existe abundante evidência que uma menor “performance” de um meio consequentemente avaliado como não-excelente, pode resultar – ou por sua vez promover – “*a self-fulfilling prophecy*”. Ou seja, condições de desigualdade à partida induzem menor “performance”, e por sua vez o menor investimento daí resultante, provoca, ou agrava, o baixo nível relativo de “excelência”.

Num dos poucos discursos que ainda hoje aprecio de Malcolm X⁷⁶, este descreve o ciclo vicioso da pobreza: comunidades pobres tendem a ter escolas de menor qualidade, que tendem a formar pessoas menos qualificadas, que tendem a ter maior dificuldade de bons empregos ou até de qualquer emprego, dando origem a mais pobres, que conduzem a, ou eternizam as, comunidades pobres.

Penso por isso ser muito interessante o trabalho recente de Stiglitz, prémio Nobel que foi sempre crítico da escola neo-liberal, e que parece vir exactamente na mesma linha da minha investigação crítica da *teoria da excelência*.

Em particular, um dos ultimos livros que publicou, “The Price of Inequality” (2012), o *preço da desigualdade*.

Como ele também tem trabalhado o impacto das tecnologias de informação (por exemplo, em “The Revolution of Information Economics- The Past and the Future”, 2017), seria interessante estudar a sua abordagem. Precisamos de mais gente

⁷⁶ Malcolm X e os "Panteras Negras" eram tidos, no movimento revolucionário em Portugal, em muito boa conta. Durante a minha estadia no MIT, contudo, descobri a natureza profundamente racista do seu pensamento, em que se inclui a afirmação, sem eufemismos, da "superioridade" da raça "negra" sobre a "branca"... demonstrando, mais uma vez, que o racismo não têm cor.

qualificada neste domínio, com background especializado em economia a este nível de profundidade, a investigar este ângulo do problema.

Outra linha de investigação associada aos custos da desigualdade, é a de um tema muito na moda: as chamadas "**idades inteligentes**" ("*smart cities*").

Com efeito, este tema está transformado numa indústria de triliões de dólares, e não é de admirar que sejam grandes empresas (Hitachi, IBM, etc.), as suas grandes promotoras (Ferraz de Abreu, P. 2014).

Ora uma das lições extraídas da boa velha ciência do planeamento regional e urbano, é que sai muito caro ignorar as consequências – e os custos – de desequilíbrios no ordenamento do território. Económicos, sociais e ambientais – o que coincide com as famosas "pernas" da clássica definição de sustentabilidade.

Por isso mesmo, tenho levantado, nas palestras em que sou convidado nesta área, a questão sistemática: não é sustentável uma "cidade inteligente", num território atrasado (Ferraz de Abreu, P. 2015). Por vezes, mesmo desprezado ou abandonado.

O paralelo com a "teoria da excelência" e a armadilha correspondente, é notório. Existe abundante evidência de desproporção entre os orçamentos – que reflectem prioridades sociais e políticas – das cidades, e o das suas envolventes. Ora, no fundo, a lógica é similar: representa a aposta de que a cidade, como expoente de maior modernidade e dinamismo económico (comparado com o "campo" ou suburbano), é o "motor" da região envolvente – e como tal, investir nesse "centro" – o equivalente aqui á "excelência", é o que melhor vai desenvolver o território.

E o resultado está à vista – dinâmicas perversas centripetas periferia->centro; macrocefalias que esgotam a "*carrying capacity*" da cidade, com as suas maleitas; desertificação de zonas agrícolas; má ocupação do solo, etc. Ou seja, os custos da quebra da coesão territorial. No fim, tanto perde o campo, como perde a cidade.

O fenómeno "*smart cities*" não é transitório. Disso se encarrega tanto o fascínio pela sofisticação tecnológica, como a real crescente complexidade da gestão da cidade moderna, que exige modernização digital. Por exemplo, o chamado problema do grande volume de dados a processar ("*big data problem*"). Mas a evidência acumulada é suficiente, para que também aqui questionemos esta variante da "teoria da excelência", e apontemos para a necessidade de investir na

coesão, tanto ou mais do que nos "motores" urbanos, ou seja, no equivalente dos "centros de excelência".

A teoria da excelência .. e a “peste grisalha”

Finalmente, além da exclusão territorial, importa confrontar esta “teoria da excelência” com a realidade da exclusão social, nomeadamente face aos idosos.

Ficou famosa a diatribe de um deputado do PSD⁷⁷ contra *“a peste grisalha que contamina a nossa pátria”* (sic). Ora na realidade, temos exemplos graves da promoção de uma “guerra de gerações”, que, no fundo, assenta nas mesmas premissas perversas desta “teoria da excelência”.

Se o que faz sentido é concentrar os recursos nos que supostamente apresentam melhores condições de produtividade, de capacidade produtiva, etc – os tais “excelentes”, então não admira que se considerem os idosos como um segmento da população no qual não faz sentido investir, bem pelo contrário.

E assim temos, entre os líderes mais descomplexados da Direita, um ex-primeiro-ministro do Japão, desta “escola neo-liberal”, a defender que os idosos (a que ele chama “tube-people”) deviam “apressar-se a morrer”. Querem “libertar” a sociedade... da “peste grisalha”.

"Exagero, dirão alguns. A esses, cito o que foi afirmado numa reunião formal do "National Council on Social Security Reforms", 2012, sobre o problema do envelhecimento e os custos sociais: "The problem won't be solved unless you let them hurry up and die". Quem o disse não foi um exaltado punk dos gangs neo-nazis das ruas. Quem o disse foi o Ministro das Finanças do Japão, Taro Aso, que foi já Primeiro-Ministro. Um distinto membro da mesma família política neo-conservadora PSD/CDS que governa a Europa.

Mede-se o grau de civilização de uma sociedade pela forma como trata os mais fracos e vulneráveis."

[Ferraz de Abreu, P. (2014). “A ‘Peste Grisalha’ e nova ‘Solução Final’ em curso”]

⁷⁷ Peixoto, Carlos (2013) “Um Portugal de cabelos brancos”

Mas não é apenas uma questão de valores humanistas que está em causa.

Mesmo do ponto de vista da “produtividade”, do progresso económico de uma comunidade, não será esta política (que lembra o nazismo) um contra-senso?

Os idosos constituem um capital humano vital, pelo que representam de memória viva de experiência, de conhecimento, de fio condutor da identidade cultural de um povo. Será possível progresso, para não falar sequer em progresso sustentável, de uma sociedade que corte o relacionamento inter-geracional e “desperdice” os seus idosos?

Mas não precisamos de reduzir a lente de análise a produtividades e economia. É mais do que suficiente o valor de equilíbrio social, mental e afectivo da nossa sociedade, que para isso precisa do convívio e interacção entre gerações.

Curiosamente, essa foi uma (re)descoberta trazida pela crise covid-19 e o confinamento prolongado a que obrigou.

Uma vez que cedo se identificou os idosos como um dos grupos de maior risco, isso acentuou a separação forçada destes, o que contribuiu significativamente para agravar o estado de saúde mental de muitas famílias. O corte de contacto por um lado (com os avós), a coabitação forçada e intensa das outras gerações (pais e filhos) por outro, com a impossibilidade dos pais deixarem os filhos com os avós de vez em quando, criou um stress notório nas relações de todos.

É mais uma comprovação da teoria da natureza humana apresentada, na sua dialética individual-social. O ser humano precisa destes elos equilibrados entre gerações.

Em síntese:

Adoptar como política a aposta nos supostos “excelentes”, significa pois uma mutilação da sociedade. A evidência acumulada, nomeadamente a que aqui apresentamos, aponta para o fracasso desta “teoria da excelência”. Afinal, quando posta em prática, ela não desmonstra, bem pelo contrário, ser um instrumento capaz de beneficiar a sociedade no seu todo – incluindo os “excelentes”.

A evidência também aponta para a potencial necessidade de enfrentar em conjunto, se não mesmo em simultâneo, as várias dimensões de certos problemas ou estados que se pretendem ultrapassar, e cuidar de todos os segmentos de população envolvidos (e não investir apenas nalguns), mesmo que isso aumente a complexidade da solução, sob pena de fracasso.

De um modo geral, a alternativa passará por procurar que o acesso aos recursos disponíveis, nomeadamente tecnológicos, e os benefícios daí resultantes, abarque toda a sociedade, e não apenas uma elite, por mais excelente que seja. Concretamente, isso tem de se reflectir na política de investimentos, e na preocupação de mobilizar a sociedade como um todo, em torno das prioridades que a todos afectam.

Mas isso não pode significar o abandono da avaliação do mérito e da excelência; pelo contrário, essa avaliação e incentivo tem de ser incorporado na alternativa. O que se impõe é uma perspectiva crítica e atenta, para limitar a captura dos processos de avaliação por interesses e agendas não transparentes. Uma das formas de o fazer, é substituir hierarquias por rotatividade dos actores da avaliação. O chamado "peer review", avaliação pelos nossos pares, em vez de "chefias" instaladas e "agências" de avaliação, imunes ao escrutínio.

Ou seja, necessitamos de uma política de abrangência vs. restritiva a elites, mas uma abrangência inteligente.
